Incêndios

Maria Lúcia Celestino

> "... eu retorno com frequência a esse texto inaudito de O Seminário, livro 7, que sempre me choca e me inquieta. Ele parte da tragédia grega e do " Mé phunai" (não seja eu, não fui eu, não estar ali) de Édipo em Colona"[1].

Nawal Marwan é alguém que, mesmo depois de morta, é "impossível"! Já na primeira cena — a leitura de seu testamento feita pelo notário Lebel — Jeanne e Simon, seus filhos gêmeos, tomam conhecimento do modo como devem enterrá-la: nua, sem caixão, sem orações, sem lápide, sem epitáfio.

Escrito assim, poderia ser até o início de uma comédia. Mas, ao contrário, inicia-se ali o filme de Denis Villeneuve, baseado na peça de Wajdi Mouawad que revisita nosso clássico mais íntimo — Édipo —, trazendo dele algo estranho e belo.

Mais, ainda...O notário, que foi antecedido na profissão pelo pai, o avô e o bisavô, anuncia o que podemos chamar de uma intimação. Entregar uma carta ao pai, que julgavam morto, e uma ao irmão, que não sabiam ter. Dois envelopes lacrados: *lettre au père, lettre au fils*.

Não falta ao filme nem mesmo o idioma que, embora possamos não dominar, (e quem domina um idioma?), também nos é familiar. Ainda no Canadá, onde a história tem início e fim, passamos por uma aula inaugural de Matemática:

> "Bem-vindos ao mundo da matemática pura. Não mais soluções estritas para problemas estritos, mas soluções impossíveis para problemas insolúveis que ocuparão tanto o pensamento de

[1] REGNAULT, F. *Em Torno do Vazio: a arte à luz da psicanálise.* Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2001.

> vocês a ponto de seus colegas de outras áreas lhe chamarem de doidos.” (Também soa familiar, não?)

De uma Québec asséptica e civilizada, pulamos quarenta anos no tempo para Der On, aldeia perdida num Líbano de hostilidades e guerras entre cristãos e muçulmanos.

A fuga de Nawal Marwan, de origem cristã, e Wahab, refugiado muçulmano, é interceptada por seus irmãos que o executam com uma certeza tão fulminante, que faz lembrar ser a verdade bem própria da religião. Nawal, ainda não recuperada de seu luto, dá à luz a um menino que é entregue ao orfanato local, não sem antes ter seu calcanhar furado com um estilete três vezes, para que ele pudesse no futuro ser reencontrado por sua mãe. Uma bela referência ao Édipo, filmada num cenário escuro e primitivo.

> “Distinguimos, portanto dois tempos: um tempo que progride, que vai em direção ao futuro, e um tempo que retroage, que se dirige ao passado. (...) O que pertence ao futuro já está de alguma forma inscrito no passado.”[2]

Daí em diante, acompanhamos Jeanne que chega à Faculdade de Línguas Estrangeiras, no Líbano, com a mesma idade que sua mãe havia chegado para estudar, deixando para trás um povoado de tragédias. O filme se alterna. Ora uma vive num tempo passado, ora outra faz uma busca ao passado, por breves instantes, parecendo-nos que uma é outra. Quem é a que vive e quem é a que busca um saber ao qual foi intimada?

Denis Villeneuve nos mantém em suspenso como um mestre do tempo, conduzindo-nos como testemunhas neste esforço, em um cenário árido de pedras, por meio dos acontecimentos e das surpresas até o momento de concluir a história.

> “O contigente (...) aparece sobre o fundo do impossível. No momento 1, aparece como não sendo possível, como impossível. Por isso, quando no momento 2 ele se produz, surge sobre a modalidade da surpresa: “Mas isso não é possível!” É precisamente este momento que lhe

[2] MILLER, J-A. *A Erótica do Tempo*. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise, 2000, p 27.

> confere um valor de real. Há como que um forçamento do círculo dos possíveis por parte do acontecimento."[3]

Na cena que se passa na piscina, Nawal Marwan vê na borda o calcanhar marcado de seu filho perdido. Vai até ele contornando seu corpo e dá de cara com algo que a faz calar-se até a morte. Mas, antes de morrer, ela sussurra para o notário as cartas e o testamento. Diante do horror que lhe chega em forma de relato, Simon repete: "um mais um é igual a dois. Como é possível um mais um ser um?" O grito de Jeanne é a própria expressão do forçamento do círculo do possível.

De volta ao Canadá, quando Jeanne e Simon encontram o Senhor Harmani, ao qual as cartas estão destinadas, algum fim já havia sido dado àquele horror. Não é assim? Do "não seja eu, não fui eu, não estar ali" a que chegamos em algum momento, há que se fazer qualquer coisa.

Talvez possamos finalizar aqui com o comentário de Simon logo após a abertura do testamento, quando ele descobre ter um pai e um irmão: "Família grande, não? Não falaram nada de um cachorro também? Toda família grande sempre tem um cachorro, não é?" Uma fala que reclama normalidade, mas que pode também ser índice de algo que não está na cena.

[3] MILLER, J-A. *A Erótica do Tempo*. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise, 2000, p 59 e 60.